



roberto bolaño e roberto freire: literatura e resistências na américa do sul

gustavo simões

A ubiquidade das ditaduras na América do Sul

Na América do Sul, anos 1960 e 1970, a ubiquidade da tortura, como mostrou Roberto Bolaño em seus escritos, não ficou restrita somente aos fétidos porões das polícias. Em *Noturno do Chile*, o escritor apresentou a casa de Maria Canales, espaço no qual eram organizados saraus e tertúlias que reuniam com frequência artistas, literatos, pensadores da cultura do país governado pelo General Pinochet. Bolaño descreveu a descoberta de um cômodo na casa por “um teórico da cena de vanguarda”. “Quando se viu perdido no porão”, conta o narrador do romance, “e se conscientizou disso, não teve medo, ao contrário, viu despertar seu espírito trocista, abriu portas, pôs-se até a assobiar, e finalmente chegou ao último quarto no corredor mais estreito (...) abriu a porta e viu o homem amar-

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP.





verve

Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

rado numa cama metálica, de olhos vendados, e soube que o homem estava vivo porque o ouviu respirar, embora seu estado físico não fosse bom (...) viu suas supurações, como eczemas, as partes maltratadas da sua anatomia, as partes inchadas, como se tivesse mais de um osso quebrado”¹.

Contudo, após assistir a cena, o teórico de vanguarda ou o ator de teatro ou um convidado qualquer – “meses depois, talvez anos depois, outro habitué dos saraus me contou a mesma história. Depois outro, depois outro, e mais outro”² – fechou a porta e não disse absolutamente nada. Com a chegada da democracia, comenta o narrador de *Noturno do Chile*, soube-se que o marido de Maria Canales havia sido um dos principais agentes da DINA³. “Os subversivos passavam pelos porões de Jimmy, onde este os interrogava, extraía deles toda informação possível (...). Na sua casa em regra, não se matava ninguém (...) se bem que alguns tenham morrido”⁴.

Bolaño viveu na pele as violências dos governos da América do Sul na década de 1970. Foi preso, no Chile, após o golpe civil-militar em 1973. Em “Os detetives”, conto publicado em *Chamadas Telefônicas*, narrou, por meio da conversa entre dois policiais, o episódio de sua prisão. O ocaso do conto é o diálogo entre Bolaño e um dos agentes – com quem o escritor havia estudado na adolescência – rumo a um espelho situado no fundo do lugar reservado a militantes presos logo após o golpe de Pinochet. A única exigência de Bolaño durante todo o período em que esteve detido foi precisamente mirar-se no espelho. Ao retornar do percurso até o reflexo de sua própria imagem, comentou com o policial que algo estava errado, pois a imagem que ele via não era a de seu rosto. Após argumentar que aquele lugar era mal iluminado ou que a





confusão talvez se devesse ao desgaste causado pelo tempo, o policial decide acompanhar Bolaño até o espelho. Entretanto, acaba olhando a si mesmo e se vê “de olhos muito abertos, como se estivesse cagando de medo”. Por detrás de seus ombros enxerga “um tipo de uns vinte anos mas que aparentava dez anos mais, barbudo, de olheiras fundas”⁵.

O agente relata ao outro policial com quem conversa durante o conto inteiro que, nesse momento, Bolaño sussurrou em seu ouvido “ei, Contreras, tem alguma sala detrás dessa parede?”⁶. O policial responde que sim, que atrás do espelho localizavam-se as celas reservadas aos ditos presos comuns. Por fim, Bolaño diz: “*entendi tudo*”. A afirmação que escancara a separação entre os considerados presos comuns e políticos provoca a reação imediata do agente que, por um átimo de segundo, toca com os dedos o revólver para “dar um tiro nele ali mesmo, era fácil, teria bastado apontar e meter uma bala na cabeça”⁷.

Em 1996, ano seguinte à publicação de *Chamadas Telefônicas*, Bolaño lançou *Estrela Distante*. No romance, o escritor chileno apresenta Alberto Ruiz-Tagle, jovem que passa a frequentar as oficinas vanguardistas de poesia de Concepción. Todavia, assim que ocorre o golpe civil-militar, Tagle sai de cena, tornando-se o piloto da aeronáutica Carlos Wieder, ilustre entre os militares chilenos por desenhar com aviões poemas no céu de Santiago. Ao tornar-se um piloto reconhecido pelas altas patentes militares, celebrado por críticos literários vanguardistas, Wieder decide organizar um sarau no interior de um cômodo do apartamento em que residia, com fotos suas de jovens assassinados por suas próprias mãos, alguns com os quais dividia o espaço nas oficinas de poesia às vésperas do 11 de setembro de 1973. Munóz Cano, crítico literário per-





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

sonagem de *Estrela Distante*, reconheceu o corpo de algumas mulheres nas impressões dispostas pelas paredes. “Eram, na maioria, mulheres. O cenário das fotos quase não variava de uma para outra, deduzindo-se, daí, que todas foram feitas no mesmo lugar. As mulheres parecem manequins, em alguns casos manequins sem membros, destrocados”⁸. Cano prossegue contando que “a ordem em que foram expostas não é fortuita: seguem uma linha determinada, uma argumentação, um roteiro, uma história (cronológica, espiritual...), um plano”⁹.

No mesmo ano em que Bolaño publicou *Estrela Distante*, o escritor anarquista Roberto Freire lançou o segundo volume de *Os cúmplices*, romance em que recordou ficcionalmente a militância de resistência à ditadura civil-militar brasileira. Em *Os cúmplices*, Freire expõe as aventuras apaixonadas vividas por dois jovens irmãos, de sangue e de luta, no bairro do Bixiga, em São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960. Momento em que se orgulhavam de “chocar bonde”, rebolar ao som de Elvis Presley, mas principalmente de assistir nos cinemas Marilyn Monroe e depois Brigitte Bardot. Baseando-se nas conversas realizadas com o libertário Jaime Cubero, Freire inventou a história destes dois irmãos que acabam descobrindo o anarquismo através das “peladas”, jogos de futebol de várzea. Depois de enfrentarem o time da Mooca, Bruno e Victor recebem o convite do zagueiro da equipe rival, Liberto, filho de um anarquista que lutara na Revolução Espanhola, para frequentarem as reuniões do *Centro de Cultura Social* localizado no bairro do Brás.

Para além do jornalismo presente nas ambições do corajoso irmão mais velho, Bruno, *Os cúmplices* apresentou também o teatro experimentado por Freire nas décadas de





1950 e 1960. Victor, o irmão mais novo, descobriu junto dos prazeres do sexo as invenções no teatro por Grotowski na Polônia e pelo *Living Theatre* nos Estados Unidos. No romance, Freire descreveu por meio de certos personagens a repressão enfrentada por ele durante o lançamento do espetáculo *O & A*, no TUCA, teatro no qual foi diretor geral desde sua inauguração, em 11 de setembro de 1965, até 1967.

Em 1968, um ano após *O & A*, o general Costa e Silva decretou o AI-5. A violência a partir de então se intensificou ainda mais sobre certos jovens como Wagner, personagem de *Os cúmplices*, “rapaz que falava com as mãos se agitando diante do rosto”¹⁰, militante preso numa manifestação próxima à PUC-SP, na Rua Monte Alegre, que teve as mãos decepadas pelo Delegado Flores¹¹, no DOPS. Como apontou Cecília Coimbra, a partir de 1968, “a tortura passa a ser prática ‘comum’ e oficial (...). Além de obter informações, fragilizar e pulverizar os opositores do regime, a tortura cumpre, como dispositivo social, uma função: produz subjetividades. Pelo medo, cala a sociedade”¹².

Se *Cléo & Daniel*, primeiro romance de Freire, esboçado no porão do DOPS de São Paulo – onde hoje é a “Estação Pinacoteca”, bairro da Luz – apresentou a impossibilidade de amor em meio a um regime militar, neste romance ele relatou a ditadura investindo sobre o sexo dos jovens. Enquanto o primeiro volume de *Os cúmplices* terminou em sexo liberado e novas possibilidades de prazer descobertas por Victor, o desfecho do segundo volume descreveu a tortura incidindo sobre o corpo de seu irmão mais velho. “O delegado Flores foi-lhe dando bofetadas no rosto, cada vez mais fortes, até que se cansou (...). Entregaram-lhe o arame ligado ao aparelho. O delegado o segurou firme (...) E





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

Flores foi enfiando o arame pela uretra de Bruno, que logo começou a sangrar”¹³. Os efeitos da tortura sobre Bruno, o corajoso irmão mais velho que abandonou o jornalismo para se tornar matador de coronéis no nordeste do país, tornam-no impotente para os prazeres da vida.

Os cúmplices narrou uma história vivida por inúmeros militantes presos no Brasil. Desde o eletrochoque – “foi-lhe amarrado um dos terminais do magneto num dedo de seu pé e no seu pênis, onde recebeu descargas sucessivas, a ponto de cair no chão”¹⁴ – até a utilização de insetos – “a interroganda quer ainda declarar que durante a primeira fase do interrogatório foram colocadas baratas sobre o seu corpo, e introduzida uma no seu ânus”¹⁵ –, a tortura visou não somente arrancar informações úteis à repressão dos grupos que lutavam contra a ditadura mas, também, arruinar o sexo e interceptar o prazer. Prática comum nos porões não só do Brasil, mas de toda a América do Sul e parte da Central dos anos 1970. Em *Putas Assassinas*, Roberto Bolaño escreveu: “no México, me contaram a história de uma moça do MIR¹⁶, que torturaram introduzindo ratos vivos na sua vagina. Essa moça conseguiu se exilar e chegou ao DF. Vivia lá, mas cada dia ficava mais triste e um dia morreu de tanta tristeza. Foi o que me contaram. Não a conheci pessoalmente (...). Não é uma história extraordinária. Sabemos de camponesas guatemaltecas submetidas a humilhações inomináveis. O incrível nessa história é sua ubiquidade”¹⁷.

Outras militâncias, a invenção dos escraches

Durante os anos 1990, Freire e Bolaño escreveram sobre as infindáveis violências do Estado. Nessa mesma década, depois de encerradas quase todas as ditaduras





civil-militares, certos jovens passaram a exigir corajosamente a verdade sobre as prisões, torturas e “desaparecimentos” de homens e mulheres durante os anos 1970 e 1980. Os embates irromperam na América do Sul com a reunião, pelas universidades da Argentina, de jovens filhos de militantes assassinados pela ditadura entre 1976 e 1983.

Desde a segunda metade dos anos 1980, com o ocaso da ditadura civil-militar, alguns militantes encontravam-se em *Talleres* como o que levava o nome de Julio Cortázar – escritor que, a partir dos anos 1970, engajou-se em variados embates pela América do Sul – para contar a certas crianças, filhas de seus companheiros de luta, o real desfecho da existência de seus pais. Uma década depois, portanto, esses mesmos jovens passaram a se encontrar em eventos como a “*Jornada de Memoria, Recuerdo y Compromiso de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación*”, realizado em 1995, e voltaram-se, com coragem, para reivindicar a verdade sobre o destino de suas famílias.

É precisamente neste instante – no qual, simultaneamente, o presidente argentino Carlos Menem concedeu indulto a vários militares e o Comandante da Aeronáutica, Alfredo Scilingo fez declarações públicas sobre os chamados “voos da morte” – que irrompeu o movimento dos HIJOS. Emiliano, um jovem que nasceu no interior da ESMA¹⁸, conta que a primeira vez em que participou de uma reunião dos HIJOS ficou em silêncio com outros cinquenta jovens. Não havia a necessidade, segundo ele, de dizer o que cada um tinha passado ao largo daqueles anos. “Mais do que irmãos





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

de sangue, éramos irmãos de luta. Bastava um olhar ou um sorriso para nos entendermos”¹⁹, afirmou.

Uma das primeiras ações dos HIJOS na Argentina foi a peça de teatro *bla, bla, bla*, na qual um torturador que frequentava uma quitanda manchava de sangue cada fruta em que tocava. A montagem se encerrava com os jovens afirmando que era preciso o quitandeiro negar-se a vender a fruta para o covarde com sangue nas mãos. O efeito da cena animou o grupo a articular as chamadas *Comissões de Escrache*, que consistiam no preparo de manifestações que escancaravam o domicílio, o endereço do serviço dos homens que serviram a ditadura prendendo, torturando e matando homens e mulheres, muitos deles possivelmente seus pais. Não à toa o primeiro alvo da insolência dos jovens foi Jorge Magnaco, médico conivente com a tortura de muitas das mães desses HIJOS, encarregado dos partos na ESMA e do roubo organizado pelo Estado das crianças filhas de militantes. Roubo sistemático que, segundo as *Abuelas de Plaza de Mayo*, é o resquício insuportável da ditadura nos dias atuais²⁰. Magnaco foi demitido da clínica em que trabalhava e expulso do condomínio onde morava.

Os *escraches* chegaram ao Chile, país de Roberto Bolaño, no início dos anos 2000, com o nome de *funa*. E somente nos primeiros meses de 2012, diante das negociações em torno da aprovação da *Comissão da Verdade*, eles irromperam também no Brasil. “Em março e abril, aniversário de quarenta e oito anos do Golpe de 1964, jovens romperam a monotonia de protestos recentes nos velhos vãos de museus ou diante de prédios públicos para expor onde moram e em que trabalham atualmente os colaboradores e torturadores da ditadura civil-militar”²¹.





Freire e Bolaño não puderam assistir a tais manifestações. Contudo, para além do mesmo nome, da militância praticada nos anos 1970, das literaturas singulares fortalecidas após os períodos de prisão, o que mirei com esse breve texto não foi comparar a literatura de Freire e Bolaño. “Quem quer mediar entre dois pensadores decididos mostra que é medíocre: não tem olho para o que é único; enxergar semelhanças e fabricar igualdades é características dos olhos fracos”²² já alertou o filósofo Friedrich Nietzsche em *Gaia Ciência*. O que mirei foi precisamente a potencialização do encontro dos combates desvelados pelos escritos de ambos os escritores às violências de Estado na América do Sul e a atualidade destes embates no presente.

Poderia traçar aqui outras proximidades entre a literatura de Freire e Bolaño. Ambos distanciaram-se da militância tradicional para afirmarem a singularidade da escrita. Em “Olho Silva”, primeiro conto de *Putas Assassinas*, o escritor chileno, ao descrever seu personagem, afirmou: “dizia-se que o Olho Silva era homossexual. Quero dizer: nos círculos de exilados chilenos corria o boato, em parte como manifestação da maledicência, em parte como uma nova fofoca que alimentava a vida bastante chata dos exilados, gente de esquerda que pensava, em todo caso da cintura para baixo, exatamente como a gente de direita que naquele tempo se apoderava do Chile”²³. Freire explicitou com o livro de ensaios *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*, publicado em 1977, uma reviravolta em sua existência. O livro apresentou o deslocamento de seu engajamento nas atividades como jornalista na década de 1960, na coordenação geral do TUCA e, sobretudo, seu rompimento com a *Ação Popular*, organização na qual militou por mais de uma década e que havia se tornado, desde 1971, a Ação Popular





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

Marxista-Leninista do Brasil. Ao mesmo tempo em que rompia com esta militância, Freire afirmou pela primeira vez o anarquismo como perspectiva de existência.

Pertencendo a este bando de escritores que abandonou a militância para inventar, como denominou Michel Foucault, “um pensamento político que não seja da ordem da descrição triste”²⁴, também está outro escritor do sul da América, Julio Cortázar, que certa vez escreveu, sobre sua relação com os embates políticos nos quais se envolveu, que “quanto mais me envolvo em ações que dizem respeito ao Chile, meu problema atual, mais me espanta ter que trabalhar com companheiros que são formidáveis pelo tipo de trabalho que estão fazendo mas que me obrigam, ao mesmo tempo, a pensar – e asseguro que dói ter que dizer isso – sobre o que aconteceria se aqueles rapazes tomassem algum dia o poder revolucionário”²⁵.

Resistências, *un hijo en libertad...*

“Este relato deveria acabar aqui, mas a vida é um pouco mais dura do que a literatura”²⁶, escreveu Roberto Bolaño na penúltima página de “Dias de 1978”. No conto, o escritor expõe os efeitos das violências de Estado cometidas sobre um grupo de chilenos exilados em Barcelona. Entre eles há um casal de militantes do MIR. Certa noite, B (talvez de Bolaño) discute com U, um dos pares que constituía o casal chileno. Depois da discussão “lamentável e inevitável”, passa a ver seus conterrâneos em raras ocasiões. Sabe posteriormente, por conversas com outros chilenos exilados, que U foi internado no hospital psiquiátrico de Saint Boi. Quando os encontra novamente fica sabendo também da tentativa frustrada de U em suicidar-se. O escritor chileno





prosegue com o último parágrafo como se a história já tivesse ultrapassado a matéria do livro, porém, antes avisa ao leitor: “A vida é um pouco mais dura do que a literatura”²⁷.

Com a imagem derruída, U parte em viagem a Paris com um antigo companheiro de militância. No entanto, salta no meio da madrugada numa estação qualquer. “Não telefona mais. Junto do lugarejo há um bosque. Em algum momento da noite, abandona o caminho e se interna no bosque. No dia seguinte, um camponês o encontra pendurado numa árvore, enforcado com seu próprio cinto (...). O passaporte, os demais documentos de U, a carteira de motorista, o cartão de Seguridade Social, os policiais localizam espalhados ao longe do cadáver, como se U os houvesse atirado enquanto ia pelo bosque ou como se houvesse tentado escondê-los”²⁸.

Bolaño e Freire recuperam estas histórias de vidas devastadas pelas ditaduras civil-militares. No instante em que os *escraches* ganham as ruas do Brasil, lidar com esta literatura também é ficar atento para o fato de que a ciência da tortura, disseminada amplamente pelas ditaduras civil-militares, segue sendo praticada em porões de delegacias, celas de prisão, vielas escuras, casas abandonadas, terrenos dispersos pelo interior, sustentada pela continuidade da existência da polícia, prisão e do Estado.²⁹ Mesmo com os recentes *escraches*, a *ubiquidade* abominável da tortura, termo utilizado por Bolaño, sobrevive para além das ditaduras em plena democracia. Entretanto, somadas às existências arruinadas pelas violências do Estado, como a do personagem U, as escrituras de Freire e Bolaño também apresentam aos leitores inúmeras irrupções de resistências.





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

Enquanto Roberto Freire apresentou Victor, o irmão mais novo que se cala diante das torturas que visavam adquirir informações do paradeiro de sua grande paixão, Bolaño narrou, entre outras, a história de Auxílio Lacourte, mulher uruguaia que residia na Cidade do México e que estava presente na tarde em que o Exército invadiu a Universidade Autônoma do México (UNAM). Sentada na latrina, com a saia arregaçada, Auxílio permaneceu imóvel. Deste modo ficou até que os soldados deixassem a universidade e ainda por mais duas semanas. “Saí ao corredor, e aí sim percebi imediatamente que algo estava acontecendo, o corredor estava vazio e a gritaria que subia pelas escadas era dos que atordoam e fazem história (...). Então eu disse para mim mesma: fique, Auxílio. Não deixem que a levem em cana, mulher (...). Não consigo esquecer nada, dizem que é esse meu problema. Sou a mãe dos poetas do México. Sou a única que se aguentou na universidade em 1968, quando os granadeiros e exército entraram”³⁰. Auxílio, mãe dos poetas do México, mãe destes jovens que morreram na Bolívia, que “foram mortos na Argentina ou no Peru, que sobreviveram foram morrer no Chile (...) que não mataram lá, mataram depois na Nicarágua, na Colômbia, em El Salvador”³¹. Mãe dos jovens esquecidos que, como Bolaño respondeu certa vez em uma entrevista, semearam com seus ossos a América Latina³².

A vida pode ser mais dura. Entretanto, como mostrou Michel Foucault, “um homem acorrentado e espancado é submetido à força que se exerce sobre ele. Não ao poder”³³. Mesmo diante das inomináveis violências de Estado, há sempre a possibilidade de a vida escapar e liberar-se para outros embates.





Emiliano, o jovem argentino que nasceu no interior da ESMA, contou que foi um dos poucos bebês que não foi roubado pela ditadura argentina. Explica que, assim que nasceu, sua mãe, Mirta, fez uma marca em sua orelha e comunicou as demais companheiras presas. Mirta foi assassinada pelo Estado argentino. Mas antes fez com que o filho, com quatro meses de idade, chegasse aos cuidados de seus avós.

Notas

¹ Roberto Bolaño. *Noturno do Chile*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 111.

² Idem.

³ *Dirección de Inteligencia Nacional*, polícia política chilena.

⁴ Roberto Bolaño, 2004, op. cit., p.111.

⁵ Roberto Bolaño. “Os detetives” in *Chamadas Telefônicas*. Tradução Eduardo Brandão. Companhia das Letras, 2012, p. 138.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem.

⁸ Roberto Bolaño. *Estrela Distante*. Tradução de Bernardo Ajzenberg. Folha de S. Paulo e Companhia das Letras, 2012, p. 86.

⁹ Idem.

¹⁰ Roberto Freire. *Os Cúmplices*, vol. 2. São Paulo, Sol & Chuva, 1996, p. 181.

¹¹ Para além da ironia em inventar um delegado com o sobrenome de “Flores”, é de notar a semelhança entre “Flores” e “Fleury”, um dos conhecidos torturadores do DOPS durante a ditadura civil-militar.

¹² Cecília Coimbra. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995, p. 22.

¹³ Roberto Freire, 1996, op. cit. p. 271.





Roberto Bolaño e Roberto Freire: literatura e resistências...

¹⁴ Arquidiocese de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*. Rio de Janeiro, Vozes, 1985, p. 34.

¹⁵ Idem.

¹⁶ O *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) foi fundado no Chile em 1965 reunindo socialistas e libertários que visavam uma transformação global da sociedade chilena. Logo, o MIR ficou sob controle de tendência marxista-leninista, iniciando ações armadas que se intensificaram após o golpe de 1963 que depôs Salvador Allende. Permanecendo ativo na clandestinidade, o MIR assumiu o carácter político-partidário com retorno da democracia em 1990 (N.E.).

¹⁷ Roberto Bolaño. “Carnê de baile” in *Putas Assassinas*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 206.

¹⁸ A ESMA, Escola de Mecânica da Armada, foi o lugar que mais prendeu, torturou e assassinou homens e mulheres acusados de subversão durante a ditadura civil-militar argentina. Hoje é um Centro de Memória dedicado à promoção e ao respeito aos direitos humanos.

¹⁹ Disponível em: http://www.taringa.net/posts/info/1349002/Movimiento-HIJOS_-_escraches_pintadas_agite.html (acesso em: 12/02/2012).

²⁰ Abuelas de Plaza Maio. “*Memórias Fraternas: La Experiencia de hermanos de desaparecidos, tios de jóvenes apropiados durante La ultima dictadura militar*”. Buenos Aires, Eudeba, 2010, p. 235.

²¹ Nu-Sol, *Hypomnemata 141*. “Do que engessa e do que se move: que nenhum nome fique à sombra”. Disponível em <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=171> (acesso em: 02/09/2012).

²² Friedrich Nietzsche. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 177.

²³ Roberto Bolaño. “Olho Silva” in *Putas Assassinas*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 12.

²⁴ Michel Foucault. “Eu sou um pirotécnico” in *Michel Foucault: Entrevistas*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes. Rio de Janeiro, Graal, 2006, p. 96.

²⁵ Julio Cortázar. *Conversas com Cortázar*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002, p. 108.





²⁶ Roberto Bolaño. “Dias de 1978” in *Putas Assassinas*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 76.

²⁷ Idem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ver Nu-Sol. “Tortura” in *Verbetes*. Disponível em <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=20> (acesso em: 30/08/2012).

³⁰ Roberto Bolaño. *Detetives Selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 197.

³¹ Entrevista de Roberto Bolaño. Disponível em: <http://estrelaselvagem.wordpress.com/> (acesso em 15/02/2012)

³² Idem.

³³ Michel Foucault. “Omnes et Singulatim’: uma crítica da razão política” in *Ditos & Escritos IV*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense, 2003, p. 365.





Resumo

O artigo expõe a articulação entre as resistências às ditaduras civil-militares na América do Sul afirmadas pelas literaturas de Roberto Bolaño e Roberto Freire. Para além de aproximar a perspectiva de embate vital às violências de estado ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, presentes nos romances e contos de ambos os escritores, o texto apresenta a irrupção de novas reivindicações ligadas à atualização das memórias das lutas ocorridas durante as ditaduras civil-militares e da invenção de novos modos de resistência no presente.

Palavras-Chave: resistências, literatura libertária, América Latina.

Abstract

The article presents the correlations between political resistances to the civil-military dictatorships in Latin America seen through the literatures by Roberto Bolaño and Roberto Freire. More than put in perspective the vital combats fought with their writings during the 1960's and 1970's, the article presents the emergence of new fighting positions related to the memories of the struggle against authoritarianism and the current inventions of new forms of resistance.

Keywords: resistances, libertarian literature, Latin America.

Recebido em 20 de agosto de 2012. Confirmado para publicação em 25 de setembro de 2012.

